

RESENHAS

A DOBRA – LEIBNIZ E O BARROCO

DELEUZE, Gilles. **A Dobra** – Leibniz e o barroco. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papirus, 5ª ed. 2009, 232 p.

CLÁUDIO BENITO O. FERRAZ
cbenito2@yahoo.com.br

A intenção aqui de se fazer uma resenha do livro “*A Dobra – Leibniz e o barroco*”, do filósofo Gilles Deleuze, livro publicado pela primeira vez na França em 1988 (**Le Pli**. Leibniz et Le baroque. Paris: Minuit, 1988), traduzido para a língua portuguesa por Luiz Orlandi, pela editora Papirus, de Campinas (SP), agora em sua 5ª edição, justifica-se pelo fato da forte ampliação e presença das idéias de Deleuze no contexto do pensamento social, mais especificamente o geográfico, que ocorreu desde a primeira edição brasileira da referida obra em 1991.

Daquela data até hoje os trabalhos e estudos geográficos apresentaram uma visível ampliação de contatos, de forma direta ou não, com o pensamento do filósofo francês. A especificidade desse livro “*A Dobra*” advém de ser um texto menos discutido, tanto pelos especialistas na filosofia deleuziana, quanto por geógrafos; no caso dos estudos geográficos, boa parte das abordagens ao pensamento de Gilles Deleuze tende a priorizar obras consideradas de maior envergadura filosófica, ou então aquelas com elementos mais “facilmente” identificáveis quanto ao tratamento de referenciais geográficos, como são os casos dos livros que elaborou conjuntamente com Felix Guattari: *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*.

O livro aqui resenhado apresenta uma forte conexão entre essas duas obras, servindo como elemento de continuidade a esses trabalhos publicados originariamente em 1972 (*L’anti-Edipe: capitalisme et scizophrénie 1*. Paris: Minuit, 1972) e 1980 (*Mille plateaux: capitalisme et scizophrénie 2*. Paris: Minuit, 1980), se desdobrando, e o termo aqui não apresenta nenhum tom de ironia, mas de afirmação do sentido de dobra no contexto labiríntico do pensar, na maturidade e ampla envergadura que o pensamento de Deleuze atingiu nos anos 80. Contudo, antes de adentrarmos a apresentação da obra, cumpre um rápido apanhado da vida e evolução intelectual do seu autor.

Gilles Deleuze nasceu em Paris no dia 18 de janeiro de 1925 e morreu em 4 de novembro de 1995, nessa mesma cidade, suicidando-se após o agravamento das condições de saúde. De origem classe média, adentrou à Filosofia na Sorbonne em 1944. Lecionou em Liceus de Orléans e Paris durante os anos 50. Casou-se nesse período com a tradutora Fanny Grandjouan, com quem teve dois filhos; nos fins dos anos 50 e começo dos 60 trabalhou na Sorbonne e pesquisou na *Centre National de la Recherche Scientifique* – CNRS. Foi professor na Faculdade de Lyons e participou ativamente dos movimentos culturais e políticos de 1968. Nesse processo conheceu o psicanalista e filósofo Félix Guattari, com quem desenvolveu obras fundamentais para o pensamento atual.

Seu desenvolvimento intelectual se caracterizou pela busca de novas perspectivas para a Filosofia a partir da releitura da tradição, pautando-se numa postura em que o papel da mesma é criar conceitos a partir de uma perspectiva de não progressão histórica contínua, seja positivista ou dialética, mas da instauração da diferença em acordo com o acontecimento do mundo, erigindo um plano de imanência em que se é possível pensar, ou seja, se orientar em pensamento. Para tal, sua obra se caracteriza por três grupos de trabalhos.

O primeiro se atém ao diálogo com grandes filósofos, desde seu primeiro livro sobre Hume e chegando a Foucault, passando por Kant, Bergson, Spinoza e Nietzsche; o segundo grupo se atém a estudos de artistas e suas obras, como os que abordam a literatura de Marcel Proust e Michel Tournier, a pintura de Francis Bacon ou os textos específicos sobre o cinema; o último conjunto de estudos se atém a elaboração de sua própria Filosofia, seja

por meio de obras individuais, como a aqui resenhada, seja em parceria, como as referenciadas com Guattari. O comum é que em cada grupo de estudos, segundo o próprio Deleuze, sempre exercitou a Filosofia por meio do diálogo com as várias ciências, com as várias artes e com as várias tradições filosóficas.

O livro “A Dobra” é consequência dessa concepção de Filosofia buscada desde seus primeiros estudos no início dos anos 50, colocando-se como um estudo em que, ao focar o pensamento de Leibniz, acaba por dialogar com pesquisadores que estabelecem prospectos e functivos outros às linguagens científicas, tais como na Matemática, na Física e na Biologia, assim como Psicologia, História e Geografia; também instaura contatos com linguagens artísticas, ou seja, a Pintura, a Escultura, a Arquitetura, o Teatro e a Música, destacando os perceptos e afectos que transbordam para novas formas com o pensar filosófico, como devires e potências para o pensamento se orientar em meio ao plano imanente erigido.

Deleuze dividiu seu livro em três partes, cada uma em três capítulos. A primeira parte é denominada “A Dobra”, dividida nos capítulos “As Redobras da Matéria”, “As Dobras na Alma”, “Que é o Barroco?”; a segunda levou o nome de

“As Inclusões” e foi dividida em “Razão Suficiente”, “Impossibilidade, Individualidade, Liberdade”, “Que é um Acontecimento”; a terceira e última parte “Ter um Corpo” foi dividida em “A Percepção nas Dobras”, “Os Dois Andares”, “A Nova Harmonia”.

O livro como um todo é um constante diálogo com referenciais oriundos da Filosofia, da Ciência e da Arte, contudo, para melhor organizar a complexidade da estrutura argumentativa e o rol de idéias expostas, podemos tentar estabelecer certa aproximação em cada uma das partes, meio que estabelecendo uma analogia com as três críticas kantianas. De forma geral, na primeira parte Deleuze está mais apresentando o sentido de Dobra, a partir do barroco erigido por Leibniz, e de como as características dessa concepção está presente no quadro atual da sociedade capitalista. Para tal, faz uso de prospectos de geometrias não euclidianas, assim como de contato entre a Física barroca com as novas perspectivas da Física moderna, o mesmo ocorrendo com a Biologia e demais áreas do conhecimento. São como as bases fundamentais de um pensamento imanente ao mundo de hoje.

A segunda parte foca mais o sentido da linguagem filosófica, aprofundando na apresentação de conceitos como substância, sujeito e predicado, extensão, intensidade, acontecimento entre outros. Dessas abordagens emanam o sentido do espaço leibniziano e do mundo como um jogo, o qual se joga da melhor maneira possível, imanente as regras e possibilidades. São como os aspectos balizadores de como se valoriza o pensar o mundo a partir das condições de como é conceituado.

Da terceira parte destacam-se aqui os aspectos próprios ao perceber a relação do corpo/pensamento no indivíduo/mundo, daí a questão das artes e da estética barroca para a Filosofia poder criar conceitos imanentes à atualidade do mundo/vida, ou seja, a questão sempre é de habitar o mundo, mas um mundo que, apesar de ainda leibniziano, não apresenta a mesma harmonia barroca, não se encontra mais dobrado no mesmo contexto situacional da mônada. Como diz Deleuze, “*alguma coisa mudou na situação das mônadas*” (2009, p. 227).

Mônada é entendida por Leibniz como substância simples, ou seja, é o elemento não divisível de todas as coisas, contendo em si o mundo. Esse parâmetro metafísico auxilia a Leibniz erigir um plano de imanência que pensa o mundo barroco enquanto dobrado. As dobradas são conceitos que instauram o mundo como um todo, não dividido em partes. Ao contrário da Física Clássica e da Matemática de raiz euclidiana, as quais se pautam numa idéia de mundo dividido em partes separadas e hierarquizadas, cabendo analisar essa imagem a partir de estudos lógicos rigorosos e precisos de cada parte em si. A idéia de todo seria um absoluto fruto da somatória de todas as suas partes.

Dessa maneira, o estudo de cada corpo em separado dependeria de sua rigorosa e precisa localização no espaço e no tempo. Cada corpo, cada objeto, cada parte é passível de ser localizado enquanto ponto a ocupar determinada posição em relação a outro ponto de referência, tanto no tempo quanto no espaço. Os estudos científicos devem estabelecer a extensão e a direção de um ponto a outro, definindo assim a linha reta que os relaciona e a extensão geométrica do espaço por eles delimitada.

Ao contrário dessa concepção, a “física matemática barroca” se inclina à idéia de dobra como uma linha infinita que se curva em dobras e redobras, fazendo que cada dobra seja entendida como uma extremidade da mesma linha. Assim, o mundo do homem é um espaço infinitivamente curvo, como uma linha a se dobrar e dobrar e dobrar.

Tal concepção permite entender o mundo como um todo em que os corpos são dobras no interior de dobras, formando um *todo inseparável* em que se manifestam as dobras enquanto objetos e *coisas distintas*. O que se desdobra disso – o termo aqui é pensado na direção delineada por Deleuze – é um entendimento de espaço não como palco, mesa ou receptáculo em separado dos objetos e corpos do mundo, mas como imanência inseparável do próprio dobrar e desdobrar do mundo em suas singularidades *distintas e indivisíveis*.

[...] que o espaço não seja uma mesa ou um receptáculo preexistente, espaço que seria preenchido (o melhor possível) pelo mundo escolhido; ao contrário, a cada mundo pertence um espaço-tempo (como ordem das distâncias indivisíveis de uma singularidade a outra, de um indivíduo a outro) [...] (DELEUZE, 2009, p. 116).

Essa inseparabilidade dos aspectos distintos são dobras que se processam tanto no nível material do mundo quando em nível metafísico, a alma do mesmo. O pensamento aí acontece como numa casa cujo andar de baixo os sentidos percebem o mundo material externo, enquanto o andar de cima reverbera a essa captação dos elementos externos enquanto sons, sombras e sensações que se dobram em possibilidades de sentidos aos aspectos distintos do/no mundo; instaura-se assim o mundo enquanto acontecimento pensado/vivido. Deleuze assim explica.

Em Leibniz, os dois andares são e permanecem inseparáveis: realmente distintos e todavia inseparáveis, em virtude de uma presença do alto embaixo. O andar de cima dobra-se sobre o de baixo [...] É precisamente assim que os dois andares distribuem-se em relação ao mundo que eles expressam: o mundo atualiza-se nas almas e realiza-se nos corpos. Portanto, ele é dobrado duas vezes nas almas que o atualizam e é redobrado nos corpos que o realizam (2009, p. 198-199).

Desta forma, as dobras se encontram como num contínuo processo de instaurar a diferença no acontecer do mundo; isso faz com que as mônadas leibzianas não sejam unidades estanques, mas por conterem em seu íntimo o mundo dobrado, acabam por expressar o desdobrar desse em outras paisagens, elaborando novas territorialidades: assim como a harmonia e melodia da música barroca se desdobrou em outros padrões e territórios musicais; assim como a pintura barroca se desdobrou em novos aspectos de luz, sombra e cor, desterritorializando a imagem figurativa; assim como a literatura barroca se desdobrou em outros referenciais de linguagem literária, reterritorializando o limbo civilizatório ocidental.

Como os olhares deleuzianos sobre as artes apontam esses desdobramentos, o mesmo se instaura no pensamento filosófico e na prática científica. Ou seja, “alguma coisa mudou na situação das mônadas”, fruto do próprio dobrar e desdobrar do pensar/mundo em diferentes possibilidades temporais e espaciais.

Essas dobras não significam que os determinantes da sociedade tecnoindustrial, urbanizada, mercadológica e provedora de desigualdades e injustiças sociais tenham acabado, mas que se desdobraram em outras características, em novo arranjo espacial, em novas configurações paisagísticas. Outras dobras geográficas.

É que o próprio problema mudou de condição [...] A mesma construção do ponto de vista sobre a cidade continua a se desenvolver, mas já não é o mesmo ponto de vista nem a mesma cidade, e a figura e o plano estão em movimento no espaço [...]. Descobrimos novas maneiras de dobrar, assim como novos envoltórios, mas permanecemos leibzianos, porque se trata sempre de dobrar, desdobrar, redobrar (DELEUZE, 2009, p. 228).

